

GRAMÁTICA E INTERAÇÃO EM RESENHAS

Helga Vanessa Assunção de Souza¹
Universidade Federal de Pernambuco

Resumo:

O presente trabalho tem como objetivo sistematizar e investigar as expressões linguísticas empregadas com funções interacionais na construção de argumentos presentes em resenhas publicadas em revistas informativas e de variedades que possuem uma vasta aceitação do público leitor.

Introdução

Dionísio (2001:1) afirma que “os estudos mais recentes na área da Interação Verbal definem a linguagem como uma forma de ação conjunta, que emerge quando falantes/escritores e ouvintes/leitores realizam ações individuais, coordenadas entre si, fazendo com que tais ações se integrem, formem um conjunto”. Bakhtin (1995:123) diz ser o diálogo uma das formas mais importantes da interação verbal, porém alerta para o fato de a palavra “diálogo” ter um sentido mais amplo, não estando presente apenas numa comunicação em voz alta, face a face, mas em todo e qualquer tipo de comunicação verbal. Partindo do fato de o dialogismo ser imanente à língua, o presente trabalho consistirá em analisar o gênero *resenha* identificando expressões linguísticas que funcionam como marcas interacionais. Melo (1985), ao falar sobre a atuação dos resenhadores, aponta para o fato de os escritores assumirem um caráter dialógico, destinando orientar o público na escolha dos produtos culturais em circulação no mercado.

O corpus utilizado como fonte de pesquisa são revistas de grande circulação nacional: *Atrevida* (AT), *Galileu* (G), *Mtv* e *Superinteressante* (SI). As revistas foram editadas no mês de março de 2002. Uma breve caracterização destas revistas quanto ao público leitor, tema e linguagem se faz necessária para situarmos os mecanismos interacionais encontrados:

- *Atrevida* - Destinada para adolescentes do sexo feminino contendo dicas de maquiagem, penteados, comportamento, namoro, sexo, moda, regimes, entrevistas contando sobre a vida de artistas, lançamento de filmes, cd's, testes sobre vários assuntos relacionados a sexo, rapazes, namoro etc. A linguagem empregada é bastante espontânea, podendo ser comparada à linguagem falada informal, muitas vezes, verificam-se expressões que são empregadas no feminino.
- *Galileu* e *SuperInteressante* - São duas revistas de cunho científico que não se destinam a uma faixa etária pré-estabelecida (característica que faz com que a linguagem empregada abranja todas as idades), porém atendem a quem se interessa por assuntos relacionados à ciência. Possuem várias reportagens a

¹ O artigo “Gramática e Interação nas Resenhas” resulta das atividades do sub-projeto “Gramática e Interação em Resenhas” que está inserido no projeto “Gramática e Interação na cultura do Argumento” coordenado pela Profª Angela Paiva Dionísio (Departamento de Letras / UFPE).

respeito de vacinas, doenças, clonagem, meio ambiente, religião, remédios, alimentos etc.

- Mtv - É uma revista destinada ao público que gosta de música e assiste a emissora Mtv (canal que passa vários clipes de música ao longo do dia). A revista está mais direcionada aos jovens, até mesmo pelo fato de a linguagem ser mais informal, muitas vezes, com gírias e expressões utilizadas pelos jovens. É composta por reportagens que falam sobre sexo, preconceitos, dicas de determinados assuntos que a revista julga interessante, vida de artistas (em geral cantores (as)) e lançamentos de clipes, cd's etc.

O que é uma resenha?

Autores como Peliegrini & Ferreira (1999), Marconi & Lakatos (1996) definem *resenha* como o relato de uma obra (filme, livro, peça teatral etc.) que tem por objetivo informar a respeito da obra em questão, assim como apontar as qualidades ou defeitos através de uma postura crítica. Andrade (1995:60, apud Medeiros 1999:132) define *resenha* como “tipo de resumo crítico, contudo mais abrangente: permite comentários e opiniões, inclui julgamentos de valor, comparações com outras obras da mesma área e avaliação da relevância da obra com relação às outras do mesmo gênero”. Medeiros (1997:132) conceitua *resenha* como “um relato minucioso das propriedades de um objeto, ou de suas partes constitutivas; é um tipo de redação técnica que inclui variadas modalidades de texto: descrição, narração e dissertação”.

Mascaux (2001:135) explicita que a *resenha*, quer seja aberta e assumidamente crítica, quer aponte para certas tendências, gostos e posições de forma mais insidiosa, será sempre inevitavelmente vinculada a um “produto”, à matéria prima à qual se refere (livro, filme, música etc.), e será da mesma forma automaticamente ligada à questão da *valorização* ou não deste produto; ou seja, por mais objetiva que pretenda ser, a *resenha* não deixa de representar um determinado olhar sobre um determinado objeto. Mascaux (2001:135) acrescenta o fato de a *resenha* perpassar os limites da divulgação e buscar incitar o leitor a adotar uma determinada atitude em relação ao conteúdo tratado, influenciando-o como o faria uma *propaganda*, alimentando ou aniquilando o desejo desse leitor para com o material divulgado. No entanto, apesar de a resenha possuir este caráter *propagandista*, há algumas diferenças entre os dois gêneros no que diz respeito à forma e ao tamanho do texto: a *resenha* é mais discreta, enquanto a *propaganda* é menos pudica, não havendo por parte desta esforço em disfarçar seus propósitos.

Cada resenha deve, dependendo da postura adotada e do objetivo visado, inscrever-se num local físico que, por sua vez, já pertence a uma linha sócio-ideológica estabelecida. A adequação dessa inserção é fator preponderante para atingir seu público alvo. Cada leitor se dirige preferencialmente para um tipo de suporte com o qual se identifica (Mascaux 2001 :134).

Melo (1985: 99-100) diz que “o caráter multifacetado da resenha pode ser apreendido na lista de funções que Todd Hunt lhe atribui e cumpre as seguintes funções:

- a) Informa, proporcionando conhecimento sobre o que está em circulação no mercado cultural e sobre a natureza e a qualidade das obras comercializadas;
- b) Eleva o nível cultural, pelo caráter didático com que aprecia os bens culturais, despertando muitas vezes o senso crítico para a sua fruição;
- c) Reforça a identidade comunitária, fazendo o julgamento das obras segundo padrões

peculiares à comunidade, o que significa descobrir especificidades geoculturais em produtos que possuem destinação massiva;

d) Aconselha como empregar melhor os recursos dos consumidores, fazendo-os recusar os produtos de baixa qualidade;

e) Estimula e ajuda os artistas, elogiando o bom desempenho ou enfatizando falhas e imperfeições;

f) Define o que é novo, distinguindo os produtos tradicionais dos lançamentos que fogem à tendência dominante;

g) Documenta para a história, permitindo reconstituir momentos de uma atividade que é efêmera pela própria natureza da indústria cultural;

h) Diverte, porque resgata situações inusitadas, cômicas ou hilariantes, desde que realizada com humor”.

Onde e como estão as resenhas nas revistas?

Como são apresentadas as resenhas e qual a sua localização são aspectos interessantes dada a diferenciação que há em cada revista. Mascaux (2001:133) afirma que o tamanho do texto, sua organização no suporte do material (“lay out”) e suas vizinhanças (onde se encontra), são fatores a serem considerados no momento da leitura, pois todos esses elementos constituem marcas indicadoras de sentido. Vejamos o que ocorre nas revistas analisadas:

- Atrevida - Há seis páginas no meio da revista nas quais estão localizadas as *resenhas*, além de propagandas, entrevistas com artistas, promoções, tirinhas, reportagens etc. Um detalhe interessante é o fato de a revista abrir um espaço para que o público leitor também escreva *resenhas*

- Galileu - No final da revista, há duas páginas reservadas para as *resenhas* de livros. Não se verifica outro gênero no ambiente das *resenhas*;

- Mtv - As resenhas estão localizadas no final da revista com páginas destinadas aos lançamentos do mês. Primeiro, estão as resenhas de cd: são cinco páginas contendo resenhas curtas, com poucos comentários; acima do texto, pode-se visualizar a capa do cd, o nome do álbum, o nome do cantor (a), ou grupo e a gravadora. Depois das *resenhas* de cd, há três páginas destinadas às *resenhas* com o lançamento dos videoclipes que irão passar na Mtv (emissora de televisão). Em seguida vem uma única página reservada para as resenhas com lançamentos de livros. Há algumas diferenças nas “*resenhas*” (se é que assim se pode dizer, visto que algumas têm um caráter voltado para a *propaganda*, enquanto outras possuem realmente um juízo de valor), pois estão destacadas e têm um comentário mais abrangente;

- Superinteressante - Nesta como na revista Galileu, há quatro páginas destinadas às *resenhas*, mas com um diferencial quando comparado às outras revistas: o valor crítico das resenhas se dá através de uma simbologia feita através de desenhos de “bocas” que conceituam a obra em análise como ruim, boa e muito boa. O leitor, antes mesmo de ler a *resenha*, já conhece a opinião do *resenhador* através do símbolo que está localizado ao lado da imagem da obra em questão.

De acordo com a análise, foram encontrados os seguintes itens resenhados:

Tabela I itens resenhados nas revistas pesquisadas

Revista	Cd's	Filmes	Jogos	Livros	Peças teatrais	Vídeo	Vídeo clipes
AT	2	5	-	2	1	3	-
G	-	-	5	8	-	-	-
MTV	90	-	-	17	-	-	30
SI	-	-	4	8	-	-	-

As expressões lingüísticas e as marcas interacionais:

Marcuschi (1999:3), no caso do texto escrito, apresenta como interatividade “*o movimento típico e explícito do escrevente direcionado a um leitor pretendido. Assim, os indícios de interatividade serão constituídos por aquelas expressões ou formas lingüísticas que subentendem a presença de um leitor ao qual o escrevente está se referindo de maneira clara e inambígua naquele momento. Sua relação com a gramática se deve ao fato de estas expressões serem usuais na língua, ou seja, previstas e realizadas de acordo com o sistema lingüístico*”. São apresentados cinco indícios (Id) de interatividade:

- Id 1 - Indícios de orientação diretiva para um interlocutor determinado;
- Id 2 - Indícios de premonição face a leitores definidos;
- Id 3 - Indícios de suposição de partilhamento ou de convite ao partilhamento;
- Id 4 - Indícios de fala de um interlocutor com o qual se dialoga;
- Id 5 - Indícios de oferta de orientação e seletividade.

De acordo com Marcuschi (1999:1), o texto escrito apresenta traços de interatividade que estabelecem uma relação direta do escrevente com seu interlocutor. O autor ainda explicita o fato de que, como a interatividade concretamente inscrita na textualidade foi investigada quase que exclusivamente na fala, o seu desconhecimento na escrita levou muitos autores a postularem que a escrita não apresentaria marcas de interatividade explícita.

Essa postura em relação à escrita fez com que muitos “esquecessem” que todo escritor tem como destinatário(s) o(s) leitor(es), daí a presença da interatividade, que evidentemente se diferencia da interação face a face, já que nesta temos que levar em consideração as expressões corporais, faciais, o olhar, enfim, características que não se pode contabilizar na escrita.

Com a análise dos dados, verificamos que, apesar das diferenças que ocorrem nas revistas pesquisadas, quanto à elaboração de resenhas, um fato comum é apresentarem recursos gramaticais que funcionam como marcas interacionais. Dos cinco indícios elencados por Marcuschi, dois não foram registrados: premonição face a leitores definidos e fala de um interlocutor com o qual se dialoga, como demonstra o quadro abaixo:

Tabela II – Quantidade de indícios de interatividade encontrados nas resenhas das revistas pesquisadas

Revistas	Id 1	Id 2	Id 3	Id 4	Id 5
At	x				
At	x				
At	x				
At	x				
G			x		
Mtv					x
Mtv			x		
Mtv			x		
Mtv	x				x
SI	x				
SI					x

Indícios de orientação diretiva para um interlocutor determinado – “Trata-se da referência ao leitor com marcas por vezes nítidas. Estes marcadores interacionais ou discursivos diretos que estabelecem relações imediatas com o leitor são comuns a alguns poucos gêneros textuais”. (Marcuschi, 1999:6-7).

Ex 1 – Atrevida (p. 37)



Ex 2 – Atrevida (p.37):



Ex 3 – SuperInteressante (p.83)



De acordo com Marcuschi (1999), estes marcadores interacionais ou discursivos. (*Você, você e eu*) estabelecem uma relação imediata com o leitor; trata-se de referência ao leitor através de marcas, que nos exemplos acima, são nítidas: “*Você, com certeza já ouviu falar em Freud, ...*” ; “*Você não consegue resolver aquele problema de matemática? ...*” ; “*... E nada pior para o leitor comum – você e eu – do que essa paralisante reação...*”. Barros (2002:23), afirma que o uso da relação entre *eu* e *você* são características de interações informais, íntimas e espontâneas.

Ex 4 – Atrevida (p.36)

é quente

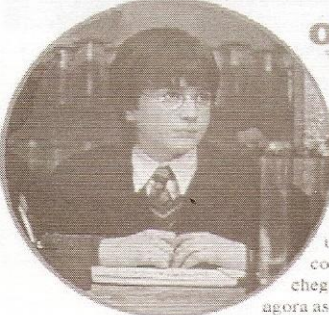
Harry Potter

O bruxinho mais querido do mundo!

Vale a pena pegar essa fila! *Harry Potter e a Pedra Filosofal* já chegou aos cinemas, numa adaptação fiel ao livro de J.K. Rowling. Esse é o primeiro filme de uma série que, assim como os livros, deve chegar à sétima edição. Até agora as histórias do bruxinho muito fofo já venderam mais de 800 mil exemplares só no Brasil, juntando os quatro volumes lançados. No ano que vem, chega às livrarias a nova aventura de Harry, que vai se chamar *Harry Potter e a Ordem da Fênix*. Fique ligada!

Muito mais aventura!
Para fazer a alegria das harrypottermaniacas, um mundo de novidades sobre o bruxinho desembarca por aqui junto com o filme. A primeira é a trilha sonora, lançada pela Som Livre. Tem também os livros *Quadribol Através dos Tempos* e *Animais Fantásticos e seu Habitat*, que Harry usa na escola. Isso sem falar das camisetas e das miniaturas dos personagens principais. Para colecionar!

Para quem ainda não conhece Harry
Se você anda boiando em todas as conversas da turma quando o assunto é o bruxinho, aí vai um resumo para salvar sua popularidade




Ex 5 – Atrevida (p.41)

Você ouviu!
Hybrid Theory
(Linkin Park)

"Esse é o melhor CD que existe. Nada de músicas melosas que, quando estamos sozinhas, nos fazem ficar mais deprimidas ainda... É música pra agitar, um som muito legal, que dosa ritmo lento em poucas partes com ritmo mais agitado na maioria das músicas. É o som perfeito!!!"
Danielle, 13 anos, Paulínea, SP



Um fato interessante ocorre em algumas resenhas da revista AT, por ser uma revista que tem como público alvo adolescentes do sexo feminino, o *resenhador* sempre refere-se ao leitor no feminino, como se mantivesse uma relação direta para com os leitores, neste caso, com leitoras já determinadas: *"Fique ligada!..."* *"Nada de músicas melosas que, quando estamos sozinhas, nos fazem ficar mais deprimidas ainda..."* Estes indícios deixam transparecer a ligação direta que há entre os interlocutores, pois o escritor enfoca o seu público alvo através das construções empregadas no feminino.

Indícios de suposição ao partilhamento ou convite ao partilhamento - Tais indícios consistem no fato do escrevente ter em mente um leitor com o qual ele dialoga supondo

nele determinados conhecimentos específicos ou convidando a partilhar de certos conhecimentos (Marcushi, 1999:9).

Ex 6 – Mtv (p.98)



No exemplo 6, para compreender o sentido da palavra “pesado”: “*Rodolfo volta à cena mais pesado que o Raimundos...*” o escritor parte do pressuposto de que o seu interlocutor (o leitor) tem o conhecimento prévio de que o “Raimundos”, banda a que Rodolfo pertenceu como vocalista, é uma banda de rock agitado e que o mesmo retorna, agora com carreira solo, mais “pesado” (denominação dada para diferenciar de um *rock* mais “leve”) que o Raimundos.

Ex 7 – Mtv (p.95)



o exemplo 7, o resenhador supõe que o leitor compartilha junto com ele o saber de que “Totalmente Demais” é uma música que fez sucesso num determinado período: “*Ele foi o líder do Hanói – Hanói (aquela banda do Totalmente Demais)...*”; ao mesmo tempo, faz um convite ao interlocutor a partilhar sobre a relação que existe entre o cantor e a música. Este indício (suposição de partilhamento ou convite ao partilhamento) caracteriza claramente a ação dialógica que se estabelece entre os interlocutores.

Ex 8 – (p.82)

Unificando as Forças da Natureza

José Leite Lopes (entrevistado por Jesus de Paula Assis)

Editora Unesp, São Paulo. ☎ (11) 3242-7171. 116 págs. R\$ 12

É impossível ouvir ou ler as palavras do físico brasileiro José Leite Lopes sem se deixar envolver por elas. Aos 83 anos de idade — dos quais mais de 60 dedicados à ciência e ao ensino —, ele continua sendo um observador e analista apaixonado e ao mesmo tempo contundente dos problemas da pesquisa e da educação. O livro, que

acaba de ser lançado pela Editora da Unesp, apresenta de forma sucinta a vida, a obra e as idéias desse cientista, que participou de eventos importantes para a implantação da política brasileira de ciência e tecnologia, ao mesmo tempo que realizou estudos

de repercussão internacional no campo da física nuclear.

Nascido em 1918 em Recife, Leite Lopes formou-se em física no Rio de Janeiro, em 1942 na Faculdade Nacional de Filosofia. Em 1949, convidado por Robert Oppenheimer, ex-chefe do Projeto Manhattan, que

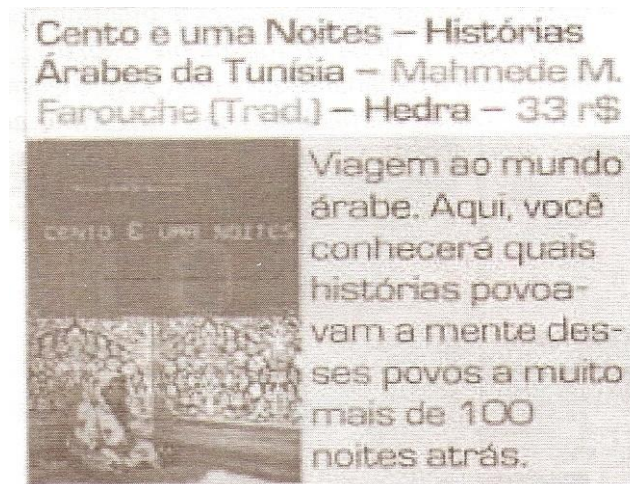
construiu as primeiras bombas atômicas, começou a trabalhar no Instituto de Estudos Avançados, em Princeton. O brasileiro previu em um estudo de 1958 a existência da partícula atômica *z-zero*, que serviu de base para o trabalho ganhador do Prêmio Nobel de Física de 1979, concedido ao paquistanês Abdus Salam. (Maurício Tuffani)



Neste exemplo: “*É impossível ouvir ou ler as palavras do físico brasileiro José Leite Lopes sem se deixar envolver por elas. Aos 83 anos de idade - dos quais mais de 60 dedicados à ciência e ao ensino -, ele continua sendo...*” o resenhador não estabelece uma relação de interatividade direta com o leitor, como acontece nos exemplos 6 e 7, mas ainda assim, tem-se a presença de algumas marcas de interatividade que se dá através da explicação de um dado, que supostamente o leitor não conhece, dado esse que tem relevância para a caracterização da *resenha* e que o escritor partilha com o leitor.

Indícios de oferta de orientação e seletividade- Estes indícios são constituídos através do uso de dêiticos textuais, notas de rodapé etc, como indícios claros de interatividade. (Marcuschi, 1999:12). Ao visualizar a resenha do cd “Rodox”, (Ex 6), o leitor depara-se com uma tarjeta onde está escrito “GANHE!”, logo abaixo, em letras menores, é indicado para ir até a página 50 e ver o que precisa fazer para ganhar o cd que está em promoção. Caso o leitor esteja interessado em “ganhar” o cd, deverá seguir as indicações para ver o que é necessário fazer. Marcuschi (1999) afirma que características como estas são sinais claros de interatividade, e nomeia como *indícios de oferta de orientação e seletividade*, que também podem vir através do uso de dêiticos textuais, notas de rodapé etc. Outra característica que deve ser levada em consideração é a relação estreita que há entre a *resenha* e a *propaganda*, pois neste caso, o autor se alia aos dois gêneros para construir o seu objetivo, como atesta o exemplo 9:

Ex 9 – Mtv (p.104)



É bastante comum encontrar indícios que servem de indicação, orientação ao leitor: são os dêiticos textuais que auxiliam o leitor a posicionar-se no texto. Este exemplo “*Aqui você conhecerá quais histórias povoam a mente desses povos...*” foi retirado de um pequeno comentário (revista Mtv — “Lançamentos de Livros”) que está localizado nas mesmas páginas em que estão as *resenhas*. Apesar de esse comentário estar veiculado a uma determinada obra e possuir o mesmo formato (“lay out”), não pode ser considerado como *resenha* por não haver um juízo de valor. Neste caso o dêitico “Aqui” não faz referência a uma palavra do texto em si, e sim ao livro que, apesar de não ter tido o nome mencionado, terá sua ilustração ao lado do comentário, fator contribuinte para construção de sentido do texto.

Também no exemplo 3, o *resenhador*, quando vai compartilhar com o leitor a noção de ensaio: “*Ali onde um indivíduo se expressa livremente, com o máximo de verdade possível aliado a uma radical vontade de entender a si e ao mundo, ali temos um ensaio...*” cria uma situação, um espaço no qual vai definir as características do gênero. O dêitico “Ali”, não irá remeter ao termo “ensaio”, mas irá retomar o espaço virtual estabelecido pelo escritor.

CONCLUSÃO

Há alguns gêneros escritos cujas marcas de interatividade não são tão visíveis, motivo que talvez tenha levado muitos a imaginarem que não se podia estabelecer uma interatividade entre os interlocutores na escrita. A *resenha*, contudo, assim como muitos outros gêneros (cartas, bilhetes, quadrinhos, narrativas etc.), permitem que identifiquemos a interatividade de forma mais clara, até mesmo pela linguagem que muitos *resenhadores* adotam: às vezes a linguagem é utilizada de maneira tão espontânea que podemos associá-la com a linguagem falada informal. Um outro aspecto a ser lembrado é o fato de a resenha possuir um valor crítico, facilitando assim a interação, pois o escritor, ao definir sua opinião, influenciará a postura do leitor face ao comentário proposto, já que a intenção do *resenhador* é fazer com que o público compartilhe com ele do mesmo juízo de valor. Todas estas características fazem da *resenha* um “campo fértil” para que ocorra a interação de forma mais explícita, mas não se pode perder de vista o fato de nem sempre encontrarmos facilmente os indícios de interatividade em todos os gêneros. As marcas interacionais ocorrerão, ainda que estejam mais difíceis de identificar, afinal todo e qualquer escritor terá em mente um leitor, do contrário não haveria sentido em deixar nenhum tipo de registro escrito.

Referências Bibliográficas:

- BAKHTIN, Mikhail (1995). *Marxismo e filologia da Linguagem*. São Paulo, Hucitec.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de (2002). *Interação em anúncios publicitários*. In PRETI, Dino (org.) (2002). *Interação na fala e na escrita*. São Paulo, Humanitas.
- DIONISIO, Angela (2001). *Gramática e Interação na Cultura do Argumento*. UFPE, Mimeo.
- MARCONI, Marina de Andrade & LAKATOS, Eva Maria (1996). *Técnicas de Pesquisa*. São Paulo, Atlas.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio (1999). *Marcas de interatividade no processo de textualização na escrita*. Mimeo.
- MASCAUX, Myriam Anne (2001). *Resenha, crítica ou propaganda?*. Ao Pé da Letra. V. 3.1, jul. 2001. Recife, Ed. Universitária. P. 133-140.
- MEDEIROS, João Bosco (1997). *Redação Científica*. São Paulo, Atlas.
- MELO, José Marques de (1985). *A opinião no jornalismo brasileiro*. Vozes.
- MOTTA-ROTH, Désirée (2002). *A construção social do gênero resenha acadêmica*. In MOTTA-ROTH, Désirée & MEURER, José Luiz (2002). *Gêneros textuais*. São Paulo EDUSC.
- FERREIRA, Marina & PELLEGRINI, Tânia (1999). *Redação - Palavra e Arte*. São Paulo Atual.
- VILELA, Mário & KOCH, Ingedore Villaça (2001). *Gramática da Língua Portuguesa*. Coimbra, Almedina.